

A REPRESENTAÇÃO DAS RECENTES IMIGRAÇÕES NO ROMANCE *SI ME QUERÉS QUEREME TRANSA* DE CRISTIAN ALARCÓN.

Dalva Desirée Climent

UFRJ


Resumo: O romance *si me querés quereme transa* de Cristian Alarcón traz para a cena literária a questão das recentes imigrações na cidade de Buenos Aires que sente o incremento de pessoas provenientes dos países limítrofes e andinos. Priorizando a questão imigratória, o escritor enfatiza o problema da visão homogeneizante constituída a partir de um mito fundacional e visibiliza as práticas culturais de que os imigrantes fazem uso para apropriar-se do novo território que constituem um patrimônio simbólico e político dentro desses espaços, sendo um importante fator para ler as *villas* do Conurbano Bonaerense. Essa heterogeneidade encontrada nas *villas* atuais do Conurbano Bonaerense será um elemento chave para ler o romance analisado.
Palavras-chave: Narrativa do contemporâneo ; Imigração ; Território ; Porosidade; Villa.

No romance *si me querés quereme transa* os conflitos entre os imigrantes surgem a todo o momento e podemos ver configurada na representação de alguns personagens a herança discriminatória fomentada no projeto homogeneizador de nação europeia, demarcando que:

Durante o período de crescimento protegido do pós guerra, os Estados-nação bem definidos e soberanos foram capazes de estabelecer uma clara separação entre membros e não membros e de garantir um grau relativamente alto de congruência entre as dimensões básicas do pertencimento. Hoje, essa capacidade desapareceu e as rupturas antes escondidas do espaço da cidadania aparecem com nitidez. Na medida em que se correm as fronteiras externas e a homogeneidade interna (real ou imaginária) das sociedades avançadas, a partir de cima, pelos fluxos de capital de alta velocidade e, a partir de baixo, pela combinação de crescentes correntes de imigração e a concomitante decomposição da classe operária industrial, torna-se cada vez mais claro que a cidadania não é uma condição adquirida ou garantida de uma vez por todas e para todos, mas um “processo instituído” conflituoso e desigual, que precisa ser continuamente conquistado e reasssegurado. (WACQANT, 2001, p. 38-39)

Essa busca pela cidadania é uma luta constante para os membros que ocupam os territórios marginalizados. Em uma das passagens, o personagem que habita um território da *villa* que possui a maioria de moradores provenientes de países andinos aponta a discriminação:

Por suerte, soy rubio. Siendo rubio tenés la mitad de los problemas resueltos. Si sos morocho la vida se te hace más difícil. Y si vivís entre peruanos, si sos



rubio y de ojos claros, es todo más fácil todavía, porque es como que les engalanás la mesa con tus rubíes celestes. (ALARCÓN, 2012, p. 214)¹

Assim, percebemos que dentro da favela, espaço no qual os membros recorrem a uma identificação associada ao fenótipo indígena, também perceberemos a valorização dos traços “brancos”. Isto é ratificado no momento em que o personagem afirma que se ele fosse moreno a vida seria mais difícil ou ainda que seus olhos claros enfeitam o ambiente onde a maioria de pessoas é de origem peruana. De fato, estas características físicas vistas de forma negativa remetem aos povos originários, ou aos que habitavam os campos e ainda na atualidade podemos constatar que:


a relação cada vez mais forte entre o Estado territorial e o estado-nação. O estado e seu território tendendo a promover uma única identidade, construída,... através do processo de construção de uma identidade nacional, seja do ponto de vista cultural- em termos de partilha de uma cultura (língua, religião...) – que leva à asfixia de traços culturais e tradições minoritárias seja do ponto de vista da organização social como um todo. (HAESBAERT, 2007, p. 48).

As questões levantadas favorecem a reflexão sobre as representações dos grupos imigrantes atuais na obra analisada. A partir daí, utilizamos o conceito de grupos diaspóricos que tem sido proposto por importantes escritores, mas com sentidos variados para o mesmo termo. Em nossos estudos, recorremos à análise do antropólogo James Clifford (apud BOLAÑOS, 2010, p. 3), quando esclarece que a *diáspora* refere-se à construção das identidades comunitárias de grupos coletivos que constroem lares longe de sua cidade natal. É neste sentido que os grupos analisados fixam-se no novo território e recorrem a práticas baseadas no regionalismo, demonstrando que:

as novas formas de manifestação da diversidade territorial à qual está ligada a regionalização, assim como as novas escalas em que se dá a manifestação dessa diversidade”, e, portanto o regional aparece “sendo interpretado como uma revalorização do singular, da diferença. (HAESBAERT, 1999, p. 16)

Ao instalarem-se no novo espaço e atualizarem elementos culturais de sua cidade natal, os imigrantes estabelecem uma nova concepção de lar. Verifica-se que “em muitas áreas ocorre um retorno aos enraizamentos mais conservadores, através de identidades étnicas, religiosas, nacionais etc.” (HAESBAERT, 1999, p. 31).

¹ “Por sorte, eu sou loiro. Sendo loiro você tema metade dos problemas resolvidos. Se você é moreno, a vida se torna mais difícil. E se você mora entre os peruanos, e é loiro de olhos azuis, é tudo ainda mais fácil, porque é como se você estivesse enfeitando a mesa com seus rubis celestes.” (ALARCÓN, 2012, p. 214)




Esse retorno aos vínculos mais tradicionais será constatado em todo o romance nas práticas, falas e cenas da trama. Este fato torna a Villa del Señor uma favela que apresenta dentro do mesmo espaço uma “diversidade territorial”, constando que “num mundo em processo de globalização/des-territorialização temos mais dificuldade em encontrar áreas coesas ou «integradas» e coerentes”. (HAESBAERT, 1999, p. 21). Uma vez que dentro dessa favela teremos muitos indivíduos de diversos países fazendo uso cada qual de suas práticas culturais.

Villa del Señor apresenta uma concepção de território que abrange tanto o sentido simbólico quanto os sentidos políticos, demarcando que “num sentido mais simbólico, o território pode moldar identidades culturais e ser moldado por estas, que fazem dele um referencial muito importante para a coesão dos grupos sociais” (HAESBAERT, 2007, p. 49).

Essas questões serão observadas por Aimée G. Bolaños, em seu artigo “Diáspora”, ao analisar a dispersão dos indivíduos, a autora sinaliza que “o sujeito diaspórico transforma-se na viagem transcultural, sendo transformador também dos espaços em que transita: efetiva formulação de dupla mão” (BOLAÑOS, 2010, p. 4). E por conta dessa transformação, necessitam recriar suas identidades, gerando um espaço simbólico que possibilite retornar às suas culturas e dessa forma buscam inserir-se no novo espaço e enfrentar os diversos tipos de desafios.

A temática diáspora reúne noções de descentramento, sincretismo, transculturação, hibridação e formação de novas identidades. Segundo a autora, os tópicos discursivos recorrentes referem-se à viagem, origem, memória, migração, exílio, expatriação, nação, regresso, tradições, mitos fundadores, habitabilidade, localização, fronteira, zonas de contato, entre-lugar, sendo o tema da identidade/alteridade a maior referência (BOLAÑOS, 2010, p. 19). E na obra analisada estas questões se fazem presente e assumem um papel de relevância para a construção dos personagens e da *villa* narrada.

Nestes grupos diaspóricos constata-se que ocorre a quebra de fronteiras como nos alerta Arjun Appadurai: “Na medida em que os grupos migram se reagrupam em novos lugares, reconstroem suas histórias e reconfiguram seus projetos étnicos, o etno



da etnografia adquire uma qualidade escorregadia e não localizada”² (APPADURAI, 2001, p. 63).

Essa reconstrução de histórias e de identidades é, em nossa observação, a responsável por fazer com que ditos atores recriem no espaço ocupado as mesmas práticas que utilizavam em seus países de origem, regressando para as concepções de Estado-Nação que molda as identidades. Esse processo foi denominado de “comunidades imaginadas” por Benedict Anderson e como diria Appadurai (2001, p. 63), os grupos migrantes “deixaram de estar firmemente amarrados a um território e circunscritos a certos limites espaciais, e já não se pode dizer que não tenham uma consciência histórica de si e também que sejam culturalmente homogêneos”.³

Sendo assim, encontraremos na Villa del Señor um híbrido de culturas e etnias, os personagens criam dentro da favela diversos micro-territórios delimitando a heterogeneidade atual da urbe portenha. Por isto, os espaços são formados a partir de suas nacionalidades, e percebemos que os laços familiares tornam-se um ponto de importância para esses atores. Existe uma necessidade premente de agrupar-se e de ter uma casa, o que é um fator crucial para esses grupos:

En sociedades de migrantes, los nuevos y los recién llegados tienen una necesidad fundamental: la vivienda. Estrecha, incómoda, con un baño compartido entre veinte personas y una cocina comunitaria en un recodo del pasillo, se la paga como sea, aún si es cara; todo por dejar de ser errantes. (ALARCÓN, 2012, p. 223)⁴


Ter uma casa, mesmo que pequena, torna-se a primeira via de acesso e ingresso na nova sociedade, e é também uma forma de reestruturação familiar no novo território. Estas casas que constituem as favelas e que são as principais moradias dos imigrantes aparecem representadas no romance fornecendo-nos a possibilidade de ler a favela ficcional que foi criada a partir da observação de muitas periferias:

Viven pasillo o pared de por medio, arriba o abajo, todos en un radio de cien metros. La base, una doble hilera o media luna de piezas, se ha ido elevando

² “En la medida en que los grupos migran, se reagrupan en nuevos lugares, reconstruyen sus historias y reconfiguran sus proyectos étnicos, lo *etno* de la etnografía adquire una calidad resbaladiza y no localizada” (APPADURAI, 2001, p.63).

³ “dejaron de estar firmemente amarrados a un territorio y circunscriptos a ciertos límites espaciales, y ya no se puede decirse que no tengan una conciencia histórica de sí ni tampoco que sean culturalmente homogêneos.” (APPADURAI, 2001, p. 63).

⁴ “Nas sociedades de migrantes, os novos e recém-chegados têm uma necessidade fundamental: a moradia. Pequena, desconfortável, com um banheiro para ser dividido por vinte pessoas e uma cozinha comunitária em um canto do corredor, se paga de alguma forma, mesmo que seja cara; tudo por deixar de ser errantes.” (ALARCÓN, 2012, p. 223)



tan alto que da sombra permanente en el patio interior. Son edificios caprichosos que suelen parecerse a los cuadros de Escher, meandros angulosos con escaleras que no van a ningún sitio. (ALARCÓN, 2012, p. 229)⁵

Interessante pensar a descrição das casas nas *villas miseria* comparadas com quadros de Escher. É possível observar essas construções pelo ponto de vista estético no qual a arquitetura dessas casas aparece de modo irregular e individual. As casas são construídas, em sua maioria, pelos próprios moradores e sem a intervenção de nenhum profissional da construção. A imagem destas construções mistura-se com a do grande centro comercial de Buenos Aires, com os modernos prédios e estabelece o contraste da cidade atual.


Portanto, essas construções e os personagens representados na favela ficcional, configuram uma imagem da realidade atual da urbe portenha, que vem se modificando ao longo dos anos. Na atualidade, imigrantes e sociedade receptora buscam novas formas de relacionar-se dentro do território. Ao apresentar a favela, o autor enfatiza que esse espaço é ocupado por distintos imigrantes, configurando a Villa del Señor como território híbrido de múltiplas nacionalidades:

En la Villa, a los primeros pobladores que habían llegado desde el interior se les fueron sumando los de los países limítrofes y los peruanos, que ya eran un número importante. Familias enteras que aprendían lo aprendido en sitios como San Juan de Lurigancho o Comas, en la Gran Lima, donde se habían asentado sin más que lo puesto al llegar de empobrecidas zonas rurales. (ALARCÓN, 2012, p. 59)⁶

Esse trecho nos aponta que a Villa del Señor é composta por um grande número de imigrantes, e também de argentinos. Estes atores, ao agruparem-se em micro territórios dentro da *villa*, terminam por retomar valores ancorados na concepção de nação/pátria. A fim de que construam suas identidades, mesmo diante de constante preconceito e rechaço, o agrupamento torna-se necessário para reconstruir suas vidas. É uma saída possível para os conflitos vivenciados e travados entre eles e a sociedade que os recebe. Isto é reiteradamente observado no romance:

⁵ “Moram entre o corredor e a parede, para cima ou para baixo, todos dentro de um raio de cem de metros. A base, uma fileira dupla ou uma meia lua de dois quartos, que aumenta tão rápido que dá sombra permanente no pátio interior. São edifícios estranhos que muitas vezes se assemelham a pinturas de Escher, meandros angulares com escadas que não vão a lugar nenhum.” (ALARCÓN, 2012, p. 229)

⁶ “Na favela, os primeiros habitantes que tinham vindo do interior se juntaram aos dos países limítrofes e peruanos, que já eram um número significativo. Famílias inteiras que aprendiam o que era aprendido em lugares como San Juan de Lurigancho ou Comas, na Grande Lima, aonde se haviam assentado sem nada mais do que o lugar de chegada de empobrecidas zonas rurais.” (ALARCÓN, 2012, p. 59)



Porque los gringos blancos – acá hasta los más negros se creen blancos al lado de nosotros – se burlaban, me sacaban el cuero como a un chanchito pelado. Me fui quedando en silencio de no poder pronunciar las eses como acá. Allá las decimos distinto, y qué quiere que diga, ¡mejor! Porque, fuera de toda broma, hablamos, digo yo, un castellano más bonito los limeños. (ALARCÓN, 2012, p. 66-67)⁷

Esses conflitos aparecem representados em outros trechos da obra, sejam eles por discriminação na forma de falar, ou pela cor da pele, como vimos no trecho acima, ou na maneira de relacionar-se dentro dos espaços:

Acá en lugar de tocar bocina todo el tiempo, como allá, se dicen puteadas y facilito, como si nada, se menta a la madre. Allá si le mentas la madre a uno, capaz que te mate. Yo soy un sobreviviente de tres guerras en esta Villa del Señor, que aunque usted no lo crea se va pareciendo cada vez más a los barrios de mi querida ciudad Lima. (ALARCÓN, 2012, p. 67)⁸

A nova localidade estabelece, portanto uma relação entre os dois espaços: o “lá” e o “aqui” e mostra como as barreiras entre elas está se tornando cada vez menos rígida. Também podemos demarcar os conflitos entre os imigrantes e a sociedade que os recebe, que será verificado em diversos outros momentos do romance: “Para colmo de males, la piba era una argentina. En el negocio los argentinos, si no son putos, me traen dramas. Son complicados” (ALARCÓN, 2012, p. 133).⁹ E ainda: “Una de las ordenes de Cali era que no contrataran argentinos para armar su ejército porque los argentinos son muy traicioneros.” (ALARCÓN, 2012, p. 168).¹⁰


Logo, embora o livro aponte o enfrentamento entre os distintos grupos que habitam a favela, e que saibamos que há um forte preconceito de grande parte da sociedade argentina em relação a esses imigrantes, encontraremos no decorrer da trama uma inversão em que os argentinos é o que são considerados traiçoeiros, mentirosos e preguiçosos com relação ao trabalho. Há ainda uma valorização da cidade natal de cada

⁷ “Porque os gringos brancos - aqui, até mesmo os mais negros se acham brancos do nosso lado – Zombavam de mim, me humilhavam. Eu fui ficando em silencio por ser incapaz de pronunciar os s como aqui. Lá falamos os s diferente, o que eu posso te dizer, melhor! Porque, falando sério, eu te digo, nós os limenhos, falamos um castellano mais bonito.” (ALARCÓN, 2012, p. 66-67)

⁸ “Aqui em vez de tocar buzina o tempo todo, como lá, se tratam com palavrões, e fácil, como se não fosse nada, se xinga a mãe. Lá, se você ofende a mãe de alguém, é capaz que te matem. Eu sou um sobrevivente de três guerras na Villa del Señor, que, embora você possa não acreditar se parece cada vez mais com os bairros da minha querida cidade de Lima.” (ALARCÓN, 2012, p. 67)

⁹ “Para o cúmulo dos males, a garota era uma argentina. Nesse negócio os argentinos, se não são bichas, me trazem problemas. São complicados” (ALARCÓN, 2012, p. 133)

¹⁰ “Uma das ordens de Cali era que não contratassem argentinos para formar seu exército porque os argentinos são muito traiçoeiros” (ALARCÓN, 2012, p. 168).



um dos diferentes grupos: “Buenos Aires puede ser muy elegante y europea, pero no le llega ni a los talones a Lima” (ALARCÓN, 2012, p. 42).¹¹

Ao agruparem-se nos distintos micros territórios, além de retornarem a valores estabelecidos a partir da noção de “membresía”, há a criação de diversos espaços de identificação. Nestes, os migrantes ocupam um território cada vez maior e mais visível na cidade de Buenos Aires. É possível identificá-los pela sua inserção em diversas áreas da cidade e nesta ocupação territorial estabelecem atividades comerciais: vendem frutas, roupas, artigos culturais de seus países.


Também é possível perceber que eles transitam dentro e fora da periferia. Basta observar seus movimentos culturais e religiosos como a realização de festas e cultos de suas práticas, se reúnem em boates, organizam ligas de futebol, ONGs, fazem protestos por melhores condições de vida e moradia. Cabe mencionar que dois dos grupos mais numerosos de imigrantes limítrofes atualmente na Argentina é o de bolivianos e o de peruanos. O que é revelado pelos dados do último censo:

De acordo com o censo de Povoação do ano de 1991, os imigrantes limítrofes já representavam mais de cinquenta por cento da população estrangeira do país”. No censo seguinte que foi realizado no ano de 2001, a população limítrofe e peruana representava dois terços da população, chegando a superar os setenta e cinco por cento no censo de 2010.¹² (*Cuadernos Migratorios* – OIM, p. 18).

Esses imigrantes conquistaram através de lutas sociais e militância nos bairros diversos direitos civis. Os bolivianos, por exemplo, transformaram um espaço deteriorado em um bairro, em Charrúa (GRIMNSON, 2011). Também existem outros espaços denominados a partir da nacionalidade mais expressiva em determinada localidade, a favela 1-11-14 é mencionada como a favela dos peruanos, e em Liniers também encontramos a definição de bairro dos bolivianos. Cabe esclarecer que os discursos relacionados aos diferentes espaços ocupados pelos imigrantes podem ser percebidos segundo a observação de Rogério Haesbaert:

¹¹ “Buenos Aires pode ser muito elegante e européia, mas não chega nem aos pés de Lima.” (ALARCÓN, 2012, p. 42)

¹² De acuerdo al Censo de Población del año 1991, los inmigrantes limítrofes ya representaban más del cincuenta por ciento del total de la población extranjera. En el siguiente censo que fue realizado en el año 2001, la población limítrofe y peruana representaba dos tercios del total de los extranjeros, llegando en censo de 2010 a superar el setenta y cinco por ciento.



Enquanto em alguns lugares há um enfraquecimento do Estado, que não tem mais meios de manter uma pretensa coesão nacional frente às disputas regionais e dos lugares para se globalizar... Em outros lugares os nacionalismos são retomados, sob as mais diversas argumentações e colorações políticas... muitas vezes em nome da preservação e/ou defesa da identidade territorial. (HAESBAERT, 2007, p. 49)

Esse retorno ao regional é muito presente na trama, principalmente nos momentos em que os personagens realizam festas familiares. Nesse momento emerge a memória de como viviam nos seus países e mais especificadamente no povoado de origem:

Me sorprendió su gracia, la forma que se levantaba el ruedo de la falda para zapatear con los tacos al ritmo huaino. La esencia de lo rural volvía a aparecer en la trama urbana de estos transas que esa noche tiraban la casa por la ventana y se mareaban para dejarse llevar por los sonidos de la tierra de sus orígenes. (ALARCÓN, 2012, p. 226)¹³


O trabalho da imaginação (APADDURAI, 1996) é acionado e os atores colocam em cena fatores tipicamente regionais, realizando uma viagem mesmo que seja temporária e subjetiva ao seu país de origem. Isso ocorre através de um retorno à localidade onde estão suas raízes mais familiares, o povoado natal. Na trama, percebe-se como a questão de retorno a formas de convivência relacionadas ao campo, que é o local originário de praticamente todos os personagens no romance, pode ser verificada no recurso que têm esses imigrantes para realizar o pagamento de suas moradias, o uso do anticrético.¹⁴ “Gracias al anticrético, la construcción de piezas para alquilar en los pisos superiores a la vivienda propia es uno de los negocios más rentables entre los migrantes, sobre todo como en territorios como Villa del Señor” (ALARCÓN, 2012, p. 230).¹⁵

O uso dessa forma de investimento do dinheiro traz à luz também a questão da importância das redes de confiança e de valores ancorados na moral da boa conduta

¹³ “Me surpreendeu sua graciosidade, a forma que levantava a barra da saia para sapatear com os saltos ao ritmo *huaino*. A essência do rural voltava a aparecer na trama urbana desses traficantes que essa noite gastavam mais do que podiam e se embebedavam para deixar-se levar pelos sons da terra de suas origens.” (ALARCÓN, 2012, p. 226)

¹⁴ A anticrese é um instituto civil, espécie de direito real de garantia, ao lado do penhor e da hipoteca, no qual o devedor, ou representante deste, entrega um bem imóvel ao credor, que no caso é o credor **anticrético**, para que os frutos deste bem compensem a dívida. Não existe anticrese originada pela lei, como ocorre nos outros dois institutos citados anteriormente.

¹⁵ “Graças ao anticrético, a construção de quartos para alugar nos andares superiores das próprias construções é um dos negócios mais rentáveis entre os imigrantes, principalmente em territórios como a Villa del Señor.” (ALARCÓN, 2012, p. 230).



dentro das comunidades. Como podemos verificar na explicação que dá o narrador ao explicitar essas duas formas de usos da economia popular: “El *pasanaku* en general es de cumplimiento estricto. Los participantes se conocen. Se ven casi todos los días.” (ALARCÓN, 2012, p. 231).¹⁶ E continua enfatizando a importância da valorização dos aspectos relacionados a hábitos bastante regionais como o sentido de laços estabelecidos a partir da coletividade: “Cada vez que uno se suma a un *pasanaku* está poniendo en juego su moral ante el vecindario. Es un capital que no se puede poner en riesgo.” (ALARCÓN, 2012, p. 232).¹⁷

As formas de relacionar-se dentro desse espaço remetem a muitos países e principalmente a diversas regiões que se reportam ao campo, destacam-se nas práticas mais cotidianas vividas dentro da *villa*:

El sábado es el mejor día en Villa del Señor. Son los partidos de fútbol. Son las misas de los difuntos. Son las procesiones. Son los cumpleaños que no se pudieron festejar a la semana. Los que no trabajan están contentos porque hay de todo para hacer. Los que tienen trabajo están contentos porque ese día no les toca. El sábado se ve de todo. (ALARCÓN, 2012, p. 67)¹⁸

Portanto, a Villa del Señor nos permite verificar, além do fenômeno atual que ocorre em Buenos Aires, uma cidade fragmentada, dividida em dois espaços disjuntos: o grande centro (espaço de trabalho, do entretenimento, do turismo e da economia) e a *villa* (território de precariedade e de indivíduos rejeitados), as práticas mais cotidianas que ocorrem nos espaços periféricos. E mesmo sabendo que a divisão existe entre centro periferia, imigrantes e sociedade, e imigrantes de diferentes países, percebe-se que essas barreiras simbólicas tem se tornado cada vez mais frágeis, pois ocorre o trânsito e o diálogo entre os indivíduos dessas diferentes localidades. Para aprofundar na ideia de barreira simbólica retomaremos o texto de Haesbaert, segundo o qual:

existem diversas concepções de território de acordo com sua maior ou menor permeabilidade: temos desta forma, desde territórios mais simples, exclusivo-excludentes, até territórios totalmente híbridos, que admitem a

¹⁶ “O *pasanaku* geralmente é de cumprimento estrito. Os participantes se conhecem. Se vêem quase todos os dias.” (ALARCÓN, 2012, p. 231)

¹⁷ “Cada vez que alguém se soma a um *pasanaku* está pondo em jogo sua moral perante a vizinhança. É um capital que não se pode por em risco.” (ALARCÓN, 2012, p. 232).

¹⁸ “O sábado é o melhor dia na Villa del Señor. Acontecem os jogos de futebol. As missas dos falecidos. As procissões. Os aniversários que não puderam ser celebrados durante a semana. Os que não trabalham estão felizes porque tem de tudo para se fazer. E os que trabalham estão felizes porque esse é o dia de folga. No sábado se vê de tudo.” (ALARCÓN, 2012, p. 67)

existência concomitante de várias territorialidades. (HAESBAERT, 2007, p. 44-45)

Todos esses espaços parecem constituir outro mundo, diferente da cidade receptora e das cidades originais dos migrantes, representando, porém, uma relação entre ambas, no momento em que oferecem um local de confiança, de lembranças, de problemas comuns e de formas de diversão e sociabilidade. Por ocuparem um lugar tão central na realidade e no projeto narrativo, encontraremos com muita frequência no romance a representação desses espaços de sociabilidade, constituídos, por exemplo: pelas festas, feiras e ritos religiosos. Estes funcionam como local de diálogo e de intercâmbio entre os que viajaram a Buenos Aires e os que permaneceram nos países originários.

Dentro das festas, encontramos as feiras, que reúnem as cores, os sabores, os alimentos que remetem à pátria. É nesse local que “se materializa a Nação e onde se desenvolvem os modos em que a Nação se incorpora se faz corpo”¹⁹ (GRIMSON, 2011, p. 87).

As festas além de retomarem os valores que remetem ao país de origem, nos aproxima do cotidiano das pessoas que habitam a *villa*, demonstrando as relações familiares e o sentido de vizinhança, como podemos ler no seguinte trecho:


En las fiestas no se mezquina. Si hay pollo, hay como cincuenta pollos. Si hay cerveza, hay cajas de cerveza. Si hay vino, damajuanas. Así es. Y si se pudiera matar una vaca para que todo el mundo comiera ella, pues matarían una entera para que no faltara a nadie (ALARCÓN, 2012, p. 72).²⁰

Reunindo nessa favela ficcional as diversas etnias e culturas, o escritor traz o plano da representação as várias práticas desses imigrantes e demonstra que dentro do espaço ocupado os atores buscam apoiar-se em diferentes formas de sociabilidade. Frequentemente, estão envolvidos em eventos que remetem a suas culturas originárias, como as feiras:

Lo más ajetreado es la feria de la avenida Bonavena, donde hay desde pungas hasta tripa de arroz con pollo, chicha, ceviche, pollo asado, choripán,

¹⁹ “se materializa la Nación y donde se desarrollan los modos en que la Nación se incorpora, se hace cuerpo.” (GRIMSON, 2011, p.87)

²⁰ “Nessas festas não tem mesquinha. Se tem frango, tem como cinquenta frangos. Se tem cerveja, são caixas de cerveja. Se tem vinho, garrafões. Assim é. E se for necessário matar uma vaca para que todos possam comer, se mata uma inteira para que não falte pra ninguém.” (ALARCÓN, 2012, p. 72)



sopa de maní, sopa paraguaya, lo que imagine hay. Es como la frontera de todos los países juntos.²¹ (ALARCÓN, 2012, p. 71).

Esse trecho nos possibilita entender a importância da Villa del Señor na narrativa, não somente as feiras, ou festas, ou os ritos representam o limite entre todos os países juntos, e sim a própria favela com sua complexidade de atores e histórias reúne no mesmo espaço muitos imigrantes. Esta pode ser considerada como a representação da “fronteira de todos os países juntos”, trazendo para o campo literário a questão imigratória recente como fator principal para a construção da obra e para ler a cidade atual de Buenos Aires.

Nessa favela há o rompimento de fronteiras que é observado a partir da mescla de etnias presente na favela narrada e do cruzamento de aspectos culturais de diferentes culturas. A música e os ritmos também representam essa mistura e interação: “Se combinan los ritmos: La cumbia con el chamamé, con el huaino, el folclore andino, pachanga en general, diría yo. El sábado es pachanguero. Es el día de fiesta.”²² (ALARCÓN, 2012, p. 72).

As distintas celebrações afirmam a presença dos grupos migratórios e criam uma interação dos migrantes com a população em geral. É na festa que a identidade migrante muda de concepção, suas nacionalidades que estão sempre relacionadas à marginalidade e muitas vezes são motivo de vergonha passam a ser elemento de orgulho. Nasce assim uma valorização da cultura originária, e suas músicas, danças e comidas tomam as ruas, dialogando com a cidade.

Como pudemos perceber em diversos trechos do livro, há uma cartografia das inúmeras práticas imigrantes dentro do espaço narrado. Isto pode ser encontrado na forma de suas moradias, nas celebrações familiares, nas festas pátrias, nas comidas e também nas diversas formas de utilização da religiosidade. Em nossa leitura, essas diferentes estratégias utilizadas sinalizam a apropriação do território por parte desses grupos. (HAESBAERT, 2007, p. 44)

²¹ “A mais movimentada é a feira da Avenida Bonavena, onde tem de punga até tripa de arroz com frango, chicha, *ceviche*, frango grelhado, *choripán*, sopa de amendoim, sopa paraguaya, o que você imaginar tem lá. É como a fronteira de todos os países juntos.” (ALARCÓN, 2012, p. 71)

²² “Combinam-se os ritmos: a *cumbia* com o *chamamé*, com o *huaino*, o folclore andino, *pachanga* normalmente, eu diria. Sábado é *pachanguero*. É dia de festa.” (ALARCÓN, 2012, p. 72)

Interessa-nos, portanto analisar as representações dessas práticas que surgem como fator de importância para a composição dos personagens e do próprio romance. A partir delas, buscaremos ler as transformações e relações estabelecidas dentro da cidade.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÓN, Cristián. *Si me querés, quereme transa*. Buenos Aires: Aguilar, 2012.

_____. Entrevista concedida a Desirée Climent. Material inédito. Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 2015.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

APPADURAI, Arjun. Soberania sem territorialidade: Notas para uma geografia pós-nacional. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, p. 35-58, 1996. Trad. Heloísa Buarque de Hollanda.

_____. *La modernidad desbordada: dimensiones culturales de la globalización*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.

BOLAÑOS, Aimée. *Diáspora*. In: BERND, Zilá. *Dicionário das mobilidades culturais: americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010.

GARCÍA CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloíza Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GRIMSON, Alejandro. *Relatos de la diferencia y la desigualdad: los bolivianos en Buenos Aires*. Buenos Aires: Eudeba, 2011.

HAESBAERT, Rogério. Região, diversidade territorial e globalização. *Geographia*, ano 1, n. 1, 1999.

HAESBAERT, Rogério. O território em tempos de globalização. *ETC, espaço, tempo e crítica*. Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas. Disponível em: <http://www.uff.br/etc>. n. 2(4), vol.1, 15 de agosto de 2007.

INDEC. Instituto Nacional de Estadística y Censos. Disponível em: <http://www.indec.gob.ar/>. Último acesso em 05/02/2017.

OIM. Organización Internacional para las Migraciones. *El impacto de las migraciones en la Argentina: cuadernos migratorios n° 02*. Buenos Aires: Oficina Regional para América del Sur, 2012.

WACQUANT, Loic. *Os condenados da cidade: estudos da marginalidade avançada*. Trad. João Roberto Martins Filho et al. Rio de Janeiro: Revan: FASE, 2001.